

A economia alimentar do corpo e da alma

ensaio sobre o romance *O seminarista*

Gabriel Queiroz Guimarães Hernandes¹

RESUMO: O presente ensaio busca compreender como, em *O seminarista*, de Bernardo Guimarães, o romance opera uma espécie de *economia alimentar*, expressão cunhada nesse texto com fins didáticos, sobre a paixão religiosa e mundana do protagonista. Nesse artigo, busca-se compreender, a partir dessa metáfora com a alimentação, como o diretor, os professores e os pais de Eugênio buscavam influir na conduta do rapaz de modo a enfraquecer o seu amor, indesejado por eles, por Margarida, filha da agregada da fazenda de seus pais e, em contrapartida, como buscam fortalecer o amor do garoto pela religião.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; alma; alimentação; romantismo; religião; fisiologia.

THE FEEDING ECONOMY OF BODY AND SOUL: AN ESSAY ABOUT THE NOVEL *O SEMINARISTA*

ABSTRACT: This essay claims to understand how, in the book *O seminarista*, by Bernardo Guimarães, the novel works on a kind of *feeding economy*, expression that we created for didactic purpose, concerning the religious and mundane passions of the main character. In this essay, we claim to understand, with this metaphor in the base of the argue, how the school director, Eugênio's parents and teachers tried to conduce the boy in a manner to weaken his love for Margarida, daughter of the family farm's maid, and, on the other hand, strengthen the boy's love for religion.

KEYWORDS: body; soul; food; romanticism; religion; physiology.

O corpo: fonte de significados

O corpo humano é uma fonte inesgotável de metáforas para expressar ideias e se referir a coisas que estão presentes no nosso dia a dia. Em nosso arroz e feijão de todo dia, utilizamos *dentes* de alho; ficamos bravos quando chutamos o *pé* da mesa; dizemos que as nações têm uma *fisionomia* própria e, se perdemos nossos empregos, falamos que “fomos mandados para o *olho* da rua”. As catacreses se estendem e parecem revestir o mundo de uma imensa variedade de assimilações do homem com as coisas que o circundam e o nosso corpo se expande em uma cadeia de comparações. Em contrapartida, do mesmo modo que revestimos o mundo de semelhanças com o ser humano, o nosso próprio corpo é revestido de similitudes com o mundo que nos rodeia, como a *maçã* do rosto, nossas rugas precoces são *pés de galinha*, o nosso palato é o *céu da boca*. As assimilações se aprofundam e, nessa estranha dialética, revestimos nosso corpo de imagens de coisas do mundo e revestimos o mundo com partes do nosso corpo.

O corpo humano, portanto, é uma fonte de diferentes assimilações, significados e sentidos culturais. As diferentes formas de representar a humanidade no mundo são formas distintas de concebê-la, de conceber uma noção de sujeito, um conceito de alma ou mesmo a ausência de uma. Os significados que constelam o corpo estão carregados de história e se relacionam com diversos discursos, oriundos de disciplinas e áreas de atuação humana diferentes entre si, que respondem a questões diversas.

No século XVI, por exemplo, no qual a epistemologia medieval e renascentista se baseava nas similitudes para estabelecer as relações entre a humanidade, as coisas e as palavras,

¹ Mestre e doutorando pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. Contato: gabriel.qgh@gmail.com.

as analogias indicavam um universo que, grosso modo, se desenhava como um macrocosmo do corpo humano e não a partir do contraste entre a objetividade das coisas e um ente subjetivo. O corpo, na época, por meio da “doutrina das assinaturas” (cf. COURTINE; HAROCHE, 2016, p.52), é entendido como “um ‘pequeno mundo’ que em cada uma das suas partes, formas e lugares se assemelha ao grande mundo da natureza e do cosmos” (COURTINE; HAROCHE, 2016, p.52). As consequências desse raciocínio sobre o corpo se estendem e afetam práticas sociais e modos de vida que estão relacionados, também, à alimentação.

Ao contrastarmos com as nossas concepções atuais sobre “corpo”, é possível notar como, com o passar do tempo, a realidade corporal adquiriu novos sentidos e, do aspecto meramente externo, os conceitos, significados e práticas se expandiram e adentraram, até mesmo, nos nossos órgãos e desvelaram novas teorias para explicar o seu funcionamento através de novas perspectivas para os seus sistemas internos (digestivo, respiratório, reprodutor, etc). Além disso, o adensamento dessa perspectiva de olhar seus componentes isolados e constitutivos procurou respostas para o desenvolvimento do corpo humano em níveis não visíveis a olho nu, que recaíram nas descobertas da genética e do DNA.

Essas contribuições científicas e de modelos teóricos oriundos da Biologia estão presentes em larga escala em nossas concepções contemporâneas para o corpo e, em um rápido apanhado de textos atuais, já notamos como eles estão arraigados em nossas concepções mais simplórias. Em sua coluna no jornal *Folha de S. Paulo*, por exemplo, o médico e cancerologista Dráuzio Varella escreve que:

A seleção natural desenhou o corpo humano para o movimento.

Desde que nossos ancestrais desceram das árvores, há 6 milhões de anos, a competição conferiu vantagem de sobrevivência às mulheres e aos homens que se movimentavam com mais desenvoltura. Como resultado, o corpo que chegou até nós tem pernas e braços longos, fortes e articulados para andar, correr, trepar em árvores, abaixar e levantar com eficiência e facilidade.

A partir da segunda metade do século 20, no entanto, sucessivos avanços tecnológicos tornaram possível ganharmos o pão nosso de cada dia sem sair da cadeira. Graças ao conforto moderno, passamos a usar o corpo de uma maneira para a qual ele não foi engendrado. (VARELLA, 2017)

Apesar da simplicidade das afirmações realizadas pelo médico para um leitor do século XXI, a noção de corpo, por ele apresentada, está revestida de história, pois utiliza como base as noções evolutivas (embora talvez contestáveis quanto à teoria apresentada no trecho) consolidadas pela evolução darwiniana, que apresentam os seres vivos não como possuidores de qualidades em si que visariam a um ente perfeito para o qual todos, por uma tendência natural de perfectibilidade, tenderiam, mas de um estado de adaptação a um meio competitivo e, em certa medida, violento que selecionou, dentre os nossos ancestrais, aqueles que tinham os corpos mais ágeis e os membros mais rijos para perpetuarem um genótipo em específico. Desse tipo biológico, a influência obviamente deriva das descobertas da genética mendeliana que possibilitaram ao homem conceber as bases para compreender o DNA.

Além de estar revestida de discursos da ciência moderna, a concepção corporal apresentada por Varella ainda se reporta a um problema social e físico decorrente do momento histórico em que vivemos: o sedentarismo. Dessa concepção, encontram-se por trás estudos diversos que possuem, por base, um conceito de saúde e a relação deste com as atividades físicas. Na concepção de saúde, encontra-se toda uma série de noções que envolvem o corpo humano como os conceitos de vida, órgãos, sistemas e doença.

No entanto, as contribuições das noções presentes sobre o corpo se estendem até mesmo a nosso dia a dia e, muitas vezes, influenciam no alimento que colocaremos à mesa, como é possível notar no seguinte exemplo:

Uma alimentação adequada contribui significativamente para uma vida mais saudável – e mais longa! Cada vez mais pesquisas vêm comprovando os benefícios que uma dieta equilibrada pode trazer não apenas para a qualidade de vida, mas também para a longevidade. Isso porque alguns alimentos possuem propriedades anti-envelhecimento que podem contribuir para se viver mais e melhor.

Um bom exemplo são os alimentos que fortalecem o sistema imunológico, como o espinafre, o brócolis, as nozes e as amêndoas, que ajudam assim o corpo a resistir a doenças. Outro exemplo são os alimentos ricos em antioxidantes, que ajudam a combater o envelhecimento das células, como é o caso da cenoura, do tomate e das frutas cítricas. Sem contar os alimentos que contribuem para evitar o colesterol e a manter a taxa glicêmica equilibrada, como a aveia. A alimentação correta também se relaciona com riscos menores de catarata, aterosclerose, artrite, anemia e osteoporose, entre outras doenças. (BUENO, 2012)

A explicação da repórter, que trata de temas da nutrição e engloba o corpo em seu aspecto químico, aprofunda-se até sondar sua dimensão celular e apresenta como o hábito alimentar está diretamente relacionado a uma vida longa e saudável. Por base, a alimentação é percebida como um dos auxílios possíveis ao bom funcionamento dos órgãos através das reações do organismo em relação a seus componentes e, como argumentamos brevemente, essas concepções estão associadas a certas noções corporais que são próprias de determinada época histórica.

A indicação do alimento se dá de forma generalizada e a dietética proposta pela nutricionista pensa o corpo enquanto uma entidade de certo modo isolada de outras condições, como o meio, a etnia, a idade, etc. A alimentação recomendada é pensada sob o aspecto do funcionamento de um organismo padrão, assim, os antioxidantes são bons contra o envelhecimento, determinados alimentos auxiliam no combate a alguns tipos de doença, outros evitam o colesterol LDL, enfim, todo um universo de comidas e ingredientes constela-se ao redor de um corpo que se quer tornar longo e com qualidade de vida que corresponde a estar *bem de saúde*.

Apesar da notícia escolhida priorizar somente o aspecto do corpo isolado de certas condições, é claro que, em contrapartida, existe toda uma ciência da nutrição que pensa em qual é o melhor alimento para idosos, para pessoas com câncer, doentes, grávidas, etc.

A questão é que, atualmente, a noção que temos de corpo encontra na alimentação os seus componentes químicos constitutivos e, ademais, relaciona-os ao modo como essas propriedades serão recebidas e servirão de auxílio ao funcionamento do nosso sistema interno. Desse modo, nota-se como a alimentação está relacionada a certa concepção corporal que, por sua vez, ancora-se em discursos oriundos de muitas áreas, mas que estão intrinsecamente associados à área científica e médica.

Agora que nos arriscamos a tecer algumas considerações sobre a relação entre alimentação e corpo em nosso tempo, a fim de sondar como a alimentação se articula ao enredo de *O seminarista*, é preciso voltar no tempo e sondar uma questão que, conforme veremos, está profundamente articulada com algumas descrições que encontramos nessa obra de Bernardo Guimarães.

O regime para gregos, romanos e cristãos: breves considerações

Na pesquisa que realizou sobre a sexualidade na Grécia Antiga, Foucault estabelece uma série de noções que nos permitem pensar o jogo simbólico implicado nos discursos sobre o corpo nesse período. Ao tratar sobre a questão da dietética, o autor de *As palavras e as coisas* demonstra como o regime esteve intimamente associado, na perspectiva de Hipócrates, à medicina. De certo modo, na perspectiva do pai da medicina, a dieta teria marcado o início dessa ciência, pois a mudança na dieta dos seres humanos, que teriam deixado de comer carne crua para passarem a se alimentar de comidas cozidas e pão, teria sido precisamente a mudança de hábito que teria possibilitado à nossa espécie desenvolver a racionalidade e, desse modo, afastar-se do universo animal. Aproveitando o ensejo, na famosa obra *A odisseia*, de Homero, essa concepção parece estar presente em uma das passagens da narrativa, pois Ulisses, homem racional por excelência, é comedor de pão, sabe cultivar os campos e fazer o vinho, em contraposição a Polifemo, o monstro incivilizado e comedor de carne crua.

A dieta, nessa perspectiva hipocrática, é vista, portanto, não apenas do ponto de vista civilizatório, mas também sob a ótica de um conjunto de regras de conduta às quais o ser humano deve se conformar em função da natureza corporal que lhe é própria e, desse modo, “o regime” se caracteriza como “toda uma arte de viver” (FOUCAULT, 2012, p.129). A medicina hipocrática centrava sua prática em uma visão holística que abarcava um conjunto de condições (clima, temperamento, sonhos, idade, etc.) para se pensar a atuação do médico ao estabelecer uma dieta a determinado paciente, e o termo “dieta” será entendido como a recomendação de alimentos, medicamentos e atividades físicas benéficas ao doente (cf. CAIRUS; ALSINA, 2007, p.214). Na teoria humoral hipocrática, o balanceamento dos líquidos no corpo está intimamente relacionado aos alimentos que são por ele ingeridos.

Posterior ao período grego, Galeno, fisiologista e filósofo romano, afirma que até mesmo as faculdades humanas dependem de uma boa alimentação, pois o bom temperamento

se dá no balanceamento entre os diferentes humores do corpo (bílis negra, amarela, sangue e fleuma) e infundem na personalidade do indivíduo, na medida em que, a partir do desbalanceamento desses líquidos, estaria a fonte da personalidade e dos males, visto que a alma (tripartida em: racional, irascível e concupiscível) se encontraria em órgãos do corpo humano (respectivamente, cérebro, coração e fígado) e, dela, a natureza da personalidade adviria (cf. GALENO, 2003). O excesso da bílis negra, por exemplo, ocasionado pela dificuldade de o organismo expelir essa substância, fluiria no cérebro da pessoa e, desse modo, ela agiria de forma melancólica.

A saúde nessa perspectiva, portanto, depende do balanceamento dos humores no corpo e de uma medicina que levaria em conta, em sua terapêutica, uma série de questões para tentar compreender os motivos para o desbalanceamento dos líquidos em sua relação com os diferentes dias, estações, idades. Desse modo, o médico visaria influir sobre o modo de vida e as condutas dos indivíduos no cuidado de si, e é possível que esse seja um dos motivos que tenha levado Foucault a concluir que, na época de Galeno:

A medicina não era [...] simplesmente concebida como uma técnica de intervenção que, em caso de doença, empregaria remédios e operações. Ela também devia, sob a forma de um *corpus* de saber e de regras, definir uma maneira de viver, um modo de relação refletida consigo, com o próprio corpo, com o alimento, com a vigília e com o sono, com as diferentes atividades e com o meio. A medicina teria a propor, sob a forma de um regime, uma estrutura voluntária e racional de conduta (FOUCAULT, 2014, p.128).

Esse cuidado refletido de si, segundo Foucault, estabeleceria as práticas da liberdade para os gregos, pois, nelas, estariam contidas as bases para que a razão se sobrepujasse sobre os apetites exercidos pelo corpo, visto que para os

[...] gregos e romanos – sobretudo gregos -, para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário ocupar-se de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer [...], e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo (FOUCAULT, 2004, p.268).

Ainda na esteira dessa argumentação, Foucault afirma que a suspeita que foi colocada sobre a prática do cuidado de si se deveu, em partes, ao advento do cristianismo. Aquilo que era considerado algo positivo, após as mudanças de paradigmas proporcionados pela religião católica, tornou-se, grosso modo, alvo de certa suspeita e uma forma de egoísmo e narcisismo. No entanto, o estudioso demonstra haver um paradoxo que advém de uma nuance na perspectiva cristã, pois “no cristianismo buscar sua salvação é também uma maneira de cuidar de si. Mas a salvação no cristianismo é realizada através da renúncia a si mesmo” (FOUCAULT, 2004, p.268). No romance *O seminarista*, a concepção cristã do cuidado de si adquire dimensões de um projeto em vias de extinção e no qual o apreço pela

vida ascética leva somente ao sofrimento e ao desprezo pelas manifestações corporais em uma espécie de *economia alimentar*², sobre a qual discorreremos a seguir.

A economia alimentar

O século XIX, segundo acredito, está na encruzilhada de uma mudança importante concernente ao nosso entendimento cultural acerca do corpo e, conseqüentemente, da alimentação e do regime. De um lado, as concepções modernas formulam lentamente uma nova prática de si por meio de teorias que, futuramente, levariam a uma maior liberação das pulsões sexuais, a buscas de compreender as diversas manifestações do corpo e novas formas de manter uma dieta equilibrada e uma atividade física que, cada vez mais, passaria a ser incorporada na sociedade por meios diversos, como na escola através da educação física³. De outro lado, as concepções de uma prática de si, que valoriza a alma religiosa e que tende a conter os impulsos do corpo e reprimir os impulsos dele advindos, ainda vigoram em uma sociedade em que o recato e o pudor são valores sociais de peso.

Nos manuais de medicina da época, essas perspectivas, que apontam para direções distintas no tempo, muitas vezes, encontram-se presentes nas prescrições e descrições médicas. No estudo de Moraes (1854), por exemplo, as longas descrições anatômicas realizadas pelo autor se mesclam a observações de cunho religioso e cujo teor das ideias transmite valores e ideologias típicas das sociedades patriarcais. Como exemplo do campo ideológico, pode-se citar a afirmação do autor de que as mulheres “foram criadas para ser esposas e mães”⁴ (MORAES, 1854, p.28). Já no campo religioso, o autor descreve como “a fisionomia da mulher, traz o cunho de uma santidade inviolável, que o homem de honra, tem como dever respeitar, e que muitas vezes impõe aos libertinos mais desenfreados, o mais severo preceito de acatamento” (MORAES, 1854, p.30).

No entanto, em outras produções, as exortações médicas já não se atêm tanto ao nível da religiosidade e as prescrições visam, de fato, ao funcionamento do organismo e ao combate à doença, embora o detalhamento das prescrições, em alguns casos, chegue a descrever como o paciente deve se portar ao acordar. No curioso manual de Homeopatia publicado pelo Instituto Homeopático Brasileiro (1846), por exemplo, é possível notar como o regime descrito pelo texto se refere não somente ao momento de uso do remédio, mas como o doente deve ficar em jejum e repouso após ingeri-lo, e, ao acordar, ele deve levantar-se cedo, lavar o rosto com água pura, sem qualquer aromatizante, passear durante a manhã, ir ao trabalho durante a tarde e uma sequência de ações prescritas pelo manual que se estendem até o ciclo voltar ao seu começo. Na parte das dietas, o instituto elenca uma extensa lista de alimentos que podem ser ingeridos e aqueles que não podem, enquanto o paciente

² A expressão foi elaborada por mim e cumpre a função didática de transmitir uma noção que se encontra presente no romance *O seminarista*.

³ No romance memorialista *O Ateneu*, o uso da ginástica é facilmente percebido enquanto um instrumento disciplinar do corpo. Para maiores informações, o artigo de Santos e Marchi (2013) apresentam uma perspectiva que aprofunda o tema da disciplina do corpo no referido romance.

⁴ Todas as citações feitas de documentos da época tiveram a ortografia atualizada.

estiver sendo medicado com o remédio, especificando detalhes do tipo se o alimento foi feito em “vasilhas de cobre ou vidradas” (MORAES, 1854, p.15).

No romance *O seminarista*, concepções corporais distintas parecem estar tensionadas na narrativa e se expressam de forma conflitiva e antagônica nas opiniões e críticas expressas pelo narrador, e na ação de determinados personagens, como exemplo, nas exortações dos pais e dos padres do seminário. Essas concepções díspares parecem estar articuladas de modo estruturante na narrativa, pois há um embate entre a paixão religiosa e mundana de Eugênio (defendida pelo narrador) e a postura adotada pela instituição religiosa que se coloca contrariamente ao amor do rapaz por Margarida (defendida pelos pais e padres). No foco desse conflito, defendemos que, no romance, há a presença de uma espécie de *economia alimentar*, pois há um regime (compreendido na chave apresentada, como um conjunto de prescrições que se deve tomar) que é assumido por Eugênio no romance e que visa a enfraquecer a sua paixão terrena por meio da alimentação da alma.

Em suma, o romance narra a história de Eugênio, um rapaz que, desde pequeno, demonstra aptidão para a vida ascética, mas que, em contrapartida, nutre um sentimento por sua vizinha, filha de uma agregada da fazenda de seu pai. Ao ser enviado ao seminário, contudo, o menino descobre os rigores da vida ascética e, ao descobrir alguns poemas mundanos de poetas clássicos, lentamente começa a perceber uma dimensão profana da existência que logo é notada e rechaçada por seu diretor. Quando retorna à sua casa no período de férias, descobre que Margarida cresceu e começa a nutrir por ela um sentimento diferente. Em certa ocasião, ele promete que, ao terminar o seminário, irá se casar com ela. Ao retornar aos estudos, entretanto, os padres notam a mudança e tentam, com todos os meios possíveis, convencer o menino a desistir de sua paixão terrena. Em conluio com os pais, os padres armam um estratagema e notificam ao menino que Margarida se casou com outro. Possuído de raiva, o mancebo decide dedicar-se fielmente à vida eclesiástica. Anos mais tarde, já vestindo a batina, na ocasião de sua primeira missa, Eugênio é chamado a visitar uma moça doente e reconhece que a moribunda é Margarida e, nesse momento, descobre a mentira armada por seus pais e pelos padres. Os dois tem uma relação sexual e, no dia seguinte, ela amanhece morta. Ao descobrir a sua morte, Eugênio arranca suas roupas e sai nu da igreja.

O embate presente na narrativa, conforme dissemos, centra-se no conflito entre dois modos de vida distintos que são contrastados e cuja base é a distinção entre a ascensão do espírito e as paixões mundanas. A separação entre a paixão terrena e a religião é condenada pelo narrador que, em um momento de análise, deixa o leitor perceber a sua opinião sobre o assunto, pois, logo após Eugênio conversar com os padres sobre sua paixão, o narrador reflete sobre o seguinte:

Assim continuou por longo tempo a luta travada no espírito do mancebo entre o amor e a religião, entre duas paixões que com ele nasceram e com ele poderiam viver e fazer a sua felicidade, se as instituições humanas não houvessem erguido entre elas uma barreira insuperável (GUIMARÃES, 2003, p.116).

A partir dessa reflexão do narrador é possível notar como a felicidade se opõe às instituições cristãs que separam, de um lado, a união carnal por meio do sacramento do casamento e a dedicação à religião por meio da castidade. Nesse pensamento já está contido certo pressuposto que vê na Igreja o desempenho, não mais de único meio de salvação da alma, mas de uma instituição humana baseada em convenções que geram sistemas coercitivos e impeditivos para a felicidade humana.

O filologista Erich Auerbach (2007) nos esclarece um pouco mais essa perspectiva, pois, em seu ensaio *Gloria passionis*, realiza uma leitura sobre como o termo *pathos* era compreendido pelos fundadores do cristianismo. Na leitura do crítico, o cristão não deveria, como os estoicos, procurar a negação das atribulações da contingência e da violência das paixões em busca da tranquilidade e serenidade do sábio, pois “sua intenção não era a de fugir ao mundo a fim de evitar os sofrimentos e as paixões, mas sim de transcendê-lo por meio do sofrimento” (idem, p.79). O narrador de *O seminarista* demonstra não concordar com essa premissa, pois opõe a felicidade de Eugênio a essa luta íntima entre as paixões mundanas e o sentimento ascético, sem levar em conta, nesse jogo, uma suposta transcendência pelo sofrimento para a salvação e felicidade eternas após a morte, ou seja, o sofrimento do rapaz é pensado sob a ótica da dimensão secular da felicidade.

O protagonista do romance desempenha um papel semelhante ao dos mártires, pois o conflito entre as suas duas paixões acaba por afetar o seu próprio corpo e imprimir, nele, as marcas de uma espécie de martírio para elevação divina. Os padres, ao descobrirem o pendor do menino pelas paixões mundanas através de sua produção poética, tratam o tema como uma luta que deve ser travada pelo mancebo e, entre as recomendações, o diretor do seminário opõe o entendimento religioso ao pecado da paixão, pois, em sua fala, diz o seguinte:

Muito bem! agora é preciso também queimar nesse coraçãozinho inexperiente o lixo das paixões mundanas e pecaminosas no fogo do amor divino, redobrando de devoção, rezando com muito fervor, impondo-se jejuns e penitências, e suplicando do fundo da alma ao divino Espírito Santo que lhe ilumine o entendimento e lhe vigore o coração dando-lhe forças para poder combater vitoriosamente contra a tentação do pecado. (GUIMARÃES, 2003, p.46)

Ao recorrermos às considerações de Foucault sobre o uso dos prazeres como prática de liberdade entre os gregos, nota-se no romance como o embate do mancebo com o seu próprio desejo de prazer não visa a um domínio das paixões para a prática da liberdade e da governança de si (cf. FOUCAULT, 2012), mas como a luta travada por Eugênio trata-se de uma submissão do menino às ordens institucionais do padre e aos preceitos da religião. Do mesmo modo, é possível notar que o regime assumido pelo rapaz não visa à saúde do organismo pelo cuidado de si, mas a luta entre a alma e a paixão profana motivada pelas manifestações corporais. Nas exortações do padre, o corpo não deve ser cuidado, mas renunciado, penitenciado e o jejum não visa à restituição da saúde (tal qual aquele recomendado pelo manual de homeopatia), mas o martírio dos desejos do corpo para a elevação da alma.

É nesse sentido que o romance opera com uma espécie de *economia alimentar*, pois, na perspectiva dos padres, ao tirar o alimento, extenuar e fazer sofrer o corpo, a alma, e a contrapartida, é alimentada por meio do martírio. O resultado dessa prática é uma completa transformação do rapaz:

O estudante seguiu à risca todas as exortações e conselhos do padre.

Na ocasião do recreio corria, saltava, lutava, jogava a bola e a peteca sem dar um instante de repouso ao corpo.

Nas horas do repouso estudava a morrer, e quando já não tinha lição a estudar pegava em qualquer livro pio, e lia, lia incessantemente.

Quando vinha a noite achava-se fatigadíssimo, mas em vez de entregar-se ao descanso que a natureza reclamava, conservava acesa a sua lâmpada até horas mortas da noite, rezando ou estudando e quando a apagava ficava ainda ajoelhado e de braços abertos sobre o leito, até que um sono irresistível o viesse prostrar nele.

Ao fim de algum tempo Eugênio estava magro, pálido, alquebrado, que mais parecia uma múmia ambulante. Tinha-se de todo amortecido o brilho de seus grandes olhos azuis, e rugas precoces sulcavam-lhe as faces macilentas. O adolescente de dezesseis anos tinha visos de um ancião às bordas da sepultura.

Estes estragos físicos não deixaram também de repercutir de um modo deplorável na moral e na inteligência. O espírito de Eugênio, a princípio exaltado pela forte tensão em que mantinha aquela luta travada consigo mesmo, por fim extenuado de cansaço acabou por tornar-se moroso e pesado. Sua terna e delicada sensibilidade embotou-se, ou antes apagou-se no gelo de um beatismo frio, austero e sem arroubos. Essa imaginação tão viva e risonha, que como travessa borboleta esvoaçava entre o céu e a terra, entre as flores da colina e as nuvens matizadas dos brilhantes horizontes, queimou as asas de ouro na luz da candeia fumacenta do estudo e da oração. (GUIMARÃES, 2003, p.51)

Como notamos, as exortações do padre contrariam de todo modo os preceitos da medicina e o seu regime de melhora, pois o que se busca é extenuar o corpo para que não se desenvolva nele as paixões profanas e, do mesmo modo, ocupar ao máximo o pensamento com outras questões para evitar que a imaginação venha a influir, no rapaz, pensamentos impróprios. A *doença* das paixões é combatida por meio da fadiga extrema e o resultado é a perda do vigor natural para um estado de completo esgotamento. O visado nas exortações é que, nessa luta entre espírito e matéria, se as manifestações do corpo, de sua sensibilidade e da imaginação estiverem amortecidas pela renúncia de si, a alma divina, e a contrapartida será alimentada. A economia do romance, portanto, é simples, para alimentar o espírito, as manifestações mundanas devem ser amortecidas, ou, nas palavras do narrador, “para esquecer Margarida era preciso quebrantar o corpo a ponto de o reduzir quase a cadáver, embrutecer o espírito e mirrar o coração [...]” (GUIMARÃES, 2003, p.52).

Outro fator para reflexão é a comparação entre o vigor da juventude e os sinais de envelhecimento do beatismo. Na teoria dos temperamentos, que curiosamente ainda se fazia

notar em algumas produções da época, pode-se dizer que, a princípio, o mancebo possuía um caráter tipicamente sanguíneo, o qual apresenta, como algumas de suas características básicas, os olhos vivos e brilhantes, as sensações muito vivas e uma imaginação fértil (cf. DEBREYNE, 1851, p.10) e, dessa constituição, torna-se muito próximo ao do temperamento linfático (ou fleumático), o qual se caracteriza por sua morosidade, inteligência débil, imaginação fria e sensações pouco vivas (DEBREYNE, 1851, p.17).

Essa mudança, no entanto, é notada pelo narrador como um sinal de evidente deterioração e não como um evento positivo. Nota-se, portanto, que, na escala valorativa do romance, há a constituição de um valor positivo à ingenuidade da infância, à sensibilidade e à imaginação, ou seja, desenha-se um personagem de certo modo típico do romantismo que, além disso tudo, não deixa de ser um tanto “retraído e melancólico” (GUIMARÃES, 2003, p.52). Para os tutores de Eugênio, no entanto, é preciso romper com o caráter romântico do jovem para amenizar as impressões mundanas do seu espírito, o que, de certo modo, parece apresentar certo resultado, pois:

Naquele descalabro geral de todas as impressões vivas, de todas as emoções afetuosas, de toda a crença no amor e na felicidade neste mundo, naturalmente também a imagem de Margarida, arrebatada no comum naufrágio, devia ter se apagado daquele coração, e Eugênio julgou ter conjurado para sempre a tentadora aparição, que lançava a perturbação em sua alma. Era verdade: o anjo luminoso desaparecera de seu espírito, como de um santuário deserto onde a lâmpada se havia apagado, ficando reduzido a uma espelunca tristonha, gélida e sombria, e apenas de longe pairava sobre ele, e lançava-lhe no seio um reflexo pálido como luz de estrela afogada entre nuvens. (GUIMARÃES, 2003, p.52)

Além do caráter de Eugênio, o narrador apresenta, nessa passagem, uma interessante concepção do amor romântico cuja elevação espiritual se dá, também, por meio do amor. A imagem do anjo luminoso é, nesse sentido, uma metáfora forte, pois indica como essa concepção amorosa, que na realidade é uma manifestação desse tipo de amor burguês, configura-se como um meio de salvação que não depende da Igreja, mas precisamente do amor profano. Nesse sentido é possível notar a presença de um embate entre a convenção social e o amor, e é possivelmente nesse sentido que o narrador, no início do romance, afirma que o amor de ambos era como o de “Romeu e Julieta” (GUIMARÃES, 2003, p.24).

Além da enorme importância de Shakespeare para a literatura romântica, o tema da convenção social contra o amor romântico é recorrente na produção literária da época e, no romance *Inocência*, de Taunay, por exemplo, ele adquire as feições de um conflito entre a tradição patriarcal tradicional e os valores sociais da burguesia emergente. É possivelmente neste sentido que o conluio, entre professores, diretor e pais, aparece como uma forma de controle e normatização das ações e sentimentos de Eugênio. Através da prática da confissão e das exortações dos padres, associado às exigências da família, tenta-se readequar o menino a certo padrão ideal de conduta que adquire dimensões não somente sociais, mas que

afetam na produção de sua subjetividade. Em outras palavras, a normatização operada pelo jogo de poderes implicados busca afetar a própria percepção de si do rapaz enquanto sujeito.

A confissão, portanto, demonstra certo poder de influir na produção de uma subjetividade e, como alerta Foucault (1988) acerca do dispositivo do confessional, faz falar o desejo e, em certa medida, o sexo para poder controlá-lo e geri-lo, nesse caso específico, em meio a um mecanismo de poder que busca afastar o mancebo de uma condição social pouco apreciada por seus pais, afinal, deve-se ter em mente que Margarida era filha de uma agregada da fazenda e vivia em meio à gente comum e simples, como mostrado no episódio muito comentado da obra da quatragem, espécie de mutirão realizado por pessoas humildes da época.

O embate presente no romance, portanto, trata de um conflito de interesses diversos que abarcam questões sociais, institucionais, de valores modernos e tradicionais e que é condensado na luta íntima de Eugênio, pois, para conseguir satisfazer ao desejo coercitivo, tradicional e patriarcal de todos os demais, deve renunciar aos seus próprios. Nesse sentido, a *economia alimentar* entra em jogo, pois, conforme o mancebo alimenta os preceitos religiosos, fortalece as pretensões dos pais e dos padres, mas, em contrapartida, enfraquece a si mesmo, seu corpo e à sua amada que, ao final do romance, morre por conta desse amor não correspondido. Portanto, a luta íntima do rapaz é, também, um embate entre os diversos personagens e seus interesses.

Em outro momento da narrativa, essa relação fica evidente, pois, ao cabo de alguns anos após ter prometido à sua amada que se casaria com ela e das reprimendas dos padres a seu amor, lentamente Eugênio se deixa pender para o lado da religião, conforme é mostrado no seguinte trecho:

Entretanto a ausência, o decurso dos anos, a falta absoluta de relações e mesmo de notícias da mulher amada, eram circunstâncias que não podiam deixar de influir poderosamente em desvantagem da paixão profana, que insensivelmente se ia arrefecendo como lâmpada velada, que se consome a si mesma e fenece à *míngua de alimento*. Outro tanto não acontecia ao misticismo, que *alimentado* por contínuas práticas de devoção, exaltado por eloquentes e calorosas exortações e conselhos, cada dia ia ganhando terreno, e contava com todos os elementos da vitória (GUILMARÃES, 2003, p.116)⁵

Nesse trecho há um balanceamento no espírito do mancebo entre a paixão profana, que é alimentada por meio de suas recordações, notícias e, em suma, contato com o objeto amoroso, e a paixão religiosa que, na contrapartida, é alimentada pelas “práticas de devoção”, pelas exortações e pelos conselhos e, no seminário, as condições todas eram propícias ao desenvolvimento dessa paixão em detrimento da outra. A alimentação, no símile apresentado pelo narrador, se refere ao fogo íntimo que, conforme dá alimento a uma parcela de si, deixa com que a outra se apazigue e feneça. É possível notar como, nessa análise psicológica empreendida no livro, a ausência da concepção freudiana permite o desenvolvimento de um mecanismo de desejo que não é afetado pelo inconsciente, apesar de que,

⁵ Grifos nossos.

na economia psíquica do romance, a repressão do instinto erótico é contrabalanceada por uma série de atividades que buscam preencher a manifestação desse instinto sexual.

O final desse percurso de lutas internas se dá por meio de uma resolução externa. Como dissemos, os padres, em conluio com os pais, mentem ao garoto dizendo que Margarida casou-se com outra pessoa. Nesse momento, o manto de idealidade que envolvia a moça na mente do mancebo cai e, de forma agressiva, o desejo aparece a ele na forma mais voluptuosa, conforme é descrito na passagem:

Eugênio debatia-se em acessos febris entre as garras do ciúme, que lhe atassalhava o coração e o cauterizava com o fogo de sua letal peçonha. Era o último trago amargo e corrosivo da taça das paixões. Seu amor, que até então era envolto no casto véu dos devaneios sentimentais se havia mantido em uma esfera ideal e pura, tornou-se material e libidinoso. Os gozos de outrem lhe chamaram a atenção para os sedutores atrativos físicos de sua amante, e lhe atearam nas veias a febre da volúpia. (GUIMARÃES, 2003, p.123)

De forma aparentemente contraditória, no momento em que os tutores se utilizam do último recurso para convencer Eugênio de que ele deve se tornar padre, a balança do desejo pende agressivamente para o lado da paixão terrena, mas, dessa vez, destituída da ingenuidade e idealidade que permearam todo o romance. Na imaginação do seminarista, aquela “santidade inviolável” (MORAES, 1854, p.30) da mulher amada se perde e os seus atributos físicos são ressaltados, pois, em certa medida, Margarida se tornou uma mulher vulgar. Ao alimentarem a paixão sensual do rapaz por meio do ciúme, contudo, o que acaba vencendo é o sentimento religioso, pois, se nos recordarmos da argumentação de Auerbach (2007), o cristão transcende o mundo por meio do sofrimento e é precisamente isso que a artimanha proporciona e que leva Eugênio a, finalmente, colocar a batina.

Contudo, ao final do romance, a reviravolta acontece no momento em que ambos se reencontram e consumam o sentimento amoroso por meio do ato sexual. No entanto, o desfecho é trágico, pois o sofrimento proporcionado pelas convenções e instituições termina em morte e loucura.

Lavando os pratos ou breves considerações finais

Nesse ensaio, buscamos analisar o modo como a estrutura do romance *O seminarista* opera por meio de uma espécie de *economia alimentar*, expressão cunhada na tentativa de compreender como o conflito íntimo do personagem se articula na narrativa e é compreendido na perspectiva dos padres e, em certa medida, do narrador. Grosso modo, tentei demonstrar como, na estrutura do romance, há um conflito travado entre a aspiração religiosa e a paixão terrena e como, nesse embate, a tentativa dos padres era de enfraquecer a paixão de Eugênio por Margarida por meio do afastamento de estímulos que, metaforicamente, alimentavam o amor do mancebo, como a imaginação, as manifestações corporais

e as recordações do menino. Em contrapartida, os tutores insistem para que o menino alimentasse a chama da aspiração religiosa por meio das doutrinas e do contato com sermões.

A metáfora se articula com um regime de vida que é exortado pelos superiores de Eugênio e o cuidado de si, visado por eles, é aquele que preza precisamente pela renúncia do seu eu terreno, pela submissão à Igreja e às vontades dos pais, e na abdicação de sua liberdade de escolha. Esses eventos, portanto, estão intimamente associados a uma concepção corporal que se matiza entre o romantismo do narrador e a visão de mundo dos padres. Na perspectiva do narrador, entretanto, o sofrimento causado em seu personagem é injustificável, pois a felicidade é considerada em sua dimensão secular e, não mais, como algo buscado na eternidade do paraíso cristão e, em certa medida, responde a interesses sociais, institucionais e patriarcais que estão em jogo.

Referências

- AUERBACH, E. "Gloria passionis". In: AUERBACH, E. *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2007.
- BUENO, C. Alimentação adequada pode contribuir para se ter uma vida longa. *UOL*. Saúde. 20 dez. 2012. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2012/12/20/alimentacao-adequada-pode-contribuir-para-se-ter-uma-vida-longa.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2017.
- CAIRUS, H. F.; ALSINA, J. A alimentação na dieta hipocrática. *Clássica (Brasil)*, v.2, n.20, p.212-238, São Paulo, 2007.
- COURTINE, J. J.; HAROCHE, C. *História do rosto: exprimir e calar as emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- DEBREYNE, P. J. C. *Ensayo sobre la teología moral*. Barcelona (ES): Imprenta de Pons Y C^a Calle de Coppons, 1851.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.
- _____. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade." In: FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GALENO. *Sobre las facultades naturales – Las facultades del alma siguen los temperamentos del corpo*. Madrid (ES): Editorial Gredos, 2003.
- GUIMARÃES, B. *O seminarista*. São Paulo: Ediouro, 2003.
- INSTITUTO Homeopático Brasileiro. Notícias elementares da homeopatia. Rio de Janeiro: Typographia de Bintot, 1846. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br>>. Acesso em: 25 mar. 2017.
- MORAES, Alexandre José de Mello. *Physiologia das paixões e affecções*. Tomo I. Rio de Janeiro: Dous de dezembro, 1854. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

SANTOS, T. R. & MARCHI, R. C. O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompéia. *Educação & realidade*, vol.38, n.1, p.339-360, jan/mar, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 28 mar. 2017.

VARELLA, D. A inatividade física custou para o mundo US\$ 67,5 bilhões. *Folha de S. Paulo. Cultura*. 01 out. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

Recebido em: 30/03/2017

Aceito em: 30/05/2017

Referência eletrônica: HERNANDES, Gabriel Queiroz Guimarães. A economia alimentar do corpo e da alma: ensaio sobre o romance *O Seminarista*. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 18, p. 184-197, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoe-critica>>. Acesso em: dd/mm/aaaa.